

# PRUDÊNCIA E AVENTURA: REVISTA *O CRUZEIRO* E FORMAS DE VIDA DA MULHER DA DÉCADA DE 40

Edna Maria Fernandes dos Santos NASCIMENTO<sup>1</sup>

[...] non seulement nos “âmes” mais aussi nos “corps” se trouvent  
culturalisés et relativisés à l’intérieur d’ une culture.  
GREIMAS (1995, p.142).

- RESUMO: A revista *O Cruzeiro* surgiu no dia 10 de novembro de 1928, época em que o Brasil tinha cerca de 50 milhões de habitantes. Revistas como *O Cruzeiro* fazem parte do acervo da história do país, e o exame dos diferentes tipos de textos nela contidos permite o resgate das formas de vida do século XX. Partindo de pressupostos teóricos da semiótica greimasiana, particularmente os regimes de interação propostos por Landowski, analisamos, em edições de *O Cruzeiro* da década de 40, a seção denominada “Assuntos femininos” que semanalmente apresenta a matéria “Da mulher para a mulher” em que a articulista Maria Teresa, investida do papel temático de conselheira, escreve crônicas ou responde cartas de consulentes. A partir da análise de textos dessa seção, propomos regimes de interação amorosa que configuram formas de vida da mulher. A análise do *corpus* nos revela que a mulher da década de 40, ora reitera, modalizada pelo dever, valores impostos por um projeto de vida pronto; ora, modalizada pelo querer, tenta impor uma nova ética que configura uma nova forma de vida.
- PALAVRAS-CHAVE: Semiótica. Regimes de interação. Formas de vida. Mulher. *O Cruzeiro*.

## ***O Cruzeiro*: formas de vida de 1928 a 1975**

A revista *O Cruzeiro*, título inspirado na constelação de cinco estrelas, Cruzeiro do Sul, que figurativiza o Brasil, surgiu no dia 10 de novembro de 1928, época em que o país tinha cerca de 50 milhões de habitantes. Patrocinada pelos *Diários Associados*, de Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, é considerada como a principal revista semanal ilustrada brasileira do século XX por ter sido responsável pela reformulação técnica e estética no meio jornalístico. Chama a

---

<sup>1</sup> UNIFRAN – Universidade de Franca. Faculdade de Letras. Departamento de Letras, Franca – SP – Brasil. 14404-600. - UNESP – Universidade Estadual Paulista. Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901. CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Bolsa de Produtividade em Pesquisa – edna.fernandes@uol.com.br

atenção o cuidado com a diagramação que permite uma melhor associação entre o texto e a imagem nas matérias.

Por 47 anos, *O Cruzeiro* publicou matérias polêmicas e divulgou produtos que ditaram padrões de comportamento e consumo, hábitos de leitura, sintetizando formas de vida do século XX. Por meio de *O Cruzeiro*, os modernos eletrodomésticos, geladeiras, enceradeiras, liquidificadores, bem como os mágicos cosméticos, a refrescante Coca-Cola, são conhecidos e começam a fazer parte do cotidiano do brasileiro, tornando-se produtos indispensáveis.

A revista *O Cruzeiro*, que retratou semanalmente, com fatos e fotos, de 1928 a 1975, episódios que marcaram a vida de uma classe média emergente que passou a ter melhor poder aquisitivo, faz parte do acervo da história do Brasil. *O Cruzeiro* teve vida longa; sua última edição com o jogador Pelé na capa, vestido de Tio Sam, saiu em julho de 1975. A falência gradual dos *Diários Associados* de Assis Chateaubriand e o crescimento da importância da televisão como meio de comunicação precipitaram o seu fim.

O exame dos diferentes tipos de textos verbo-visuais nela contidos, capa, reportagem, conto, charge, matérias assinadas, publicidades, permite o resgate das práticas sociais que ocorrem entre sujeitos ou entre sujeitos e os objetos que os circundam e que são determinantes para imprimirem modos de fazer, pensar e sentir o cotidiano. Por meio da análise do jogo dessas inter-relações, podemos acompanhar como o sujeito se constrói, manifestando sua presença tensiva que ora aceita, ora rejeita formas de vida que marcaram a geração de brasileiros da época em que os textos de *O Cruzeiro* foram escritos.

No artigo denominado "*Le beau geste*", publicado na revista *Recherches sémiotiques. Semiotic Inquiry*<sup>2</sup>, Greimas (1993) explica que as formas de vida se caracterizam como um inventário cultural aberto e que, a todo momento, "novos jogos", terminologia de Wittgenstein empregada pelo semioticista lituano, podem ser inventados e novos usos constituírem novas formas de vida. Toda forma de vida, segundo Greimas (1993), está aliada a um comportamento esquematizável mais profundo que representa não o estilo individual, mas uma filosofia de vida de um determinado grupo cuja ruptura provoca uma mudança radical de forma de vida:

Isso quer dizer que o indivíduo se inscreve doravante em uma perspectiva de uma nova "ideologia", de uma "concepção de vida", de uma "forma" que é ao mesmo tempo uma filosofia de vida, uma atitude do sujeito e um comportamento esquematizável (e então, diferente dos "estilos de vida" de superfície, como os concebe a sociologia, estariam mais próximo dos estereótipos). (GREIMAS, 1993, p.33).

---

<sup>2</sup> Os trechos citados dessa obra são traduções nossas.

Com essa concepção, Greimas diferencia estilo de vida, termo da sociologia, e forma de vida, noção utilizada por Wittgenstein (1975) nas *Investigações filosóficas* para generalizar a concepção “jogos de linguagem”. Segundo o filósofo, a significação de uma expressão não pode ser estabelecida senão em seu “uso”, que por sua vez pertence a um “jogo de linguagem”, o qual, por sua vez, configura uma “forma de vida”. O projeto de Wittgenstein, segundo Fontanille e Zilberberg (2001), caminha na direção de uma pragmática generalizada, que de fato concederia primazia ao cultural, à labilidade dos usos linguísticos e semióticos, e não ao sistema e à estrutura. O encadeamento conceptual que ele propõe, conforme os dois semioticistas citados, delinea a sequência:

Expressões → usos → jogos de linguagem → formas de vida

**Quadro 1** – Sequência do encadeamento conceptual

Concluem os autores (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001) que tal encadeamento permite substituir usos, em si mesmo lábeis, imprevisíveis e insignificantes, por formas intencionais e codificadas, capazes de ancorar em cada expressão o sentido da práxis cotidiana.

O estudo desses usos coletivos cristalizados em dispositivos codificados em textos passa a ser uma das tarefas da semiótica, como comenta Fontanille (1993) na “Apresentação” da revista *Recherches sémiotiques. Semiotic Inquiry* intitulada “*Les formes de vie*”, de que faz parte o já citado texto “*Le beau geste*” de Greimas (1993). Com a análise das formas de vida, continua Fontanille (1993), a semiótica busca dar conta do movimento da própria vida, ou seja, da direção que a vida toma:

Uma das tarefas da semiótica poderia ser, a esse respeito, examinar em quais condições esses dispositivos se estabilizam e se desestabilizam para produzir “regras de interpretação” locais, idioletais ou socioletais, estereótipos e protótipos, esses “praxemas” que são inseridos em seguida na cultura, tomando-se disponíveis para novas convocações. (FONTANILLE, 1993, p.9).

Fontanille (1993) afirma que para empreender tal tarefa, na perspectiva da práxis enunciativa, é preciso determinar quais são as unidades discursivas engendradas pela práxis e manipuladas nos discursos realizados e apreender os parâmetros sobre os quais a práxis opera para modificar essas unidades tipos ou para, a partir daí, criar novas.

Segundo Fontanille (1993), uma grande parte da semiótica narrativa foi construída em torno de uma única forma de vida, procedente de um único tipo de intencionalidade: a da busca, organizada e convocável em discurso graças ao

sintagma-tipo que é o esquema narrativo canônico. Com a teoria das modalidades e das paixões, outros caminhos surgem, outras maneiras de “dar sentido à vida” emergem, e a semiótica tem de dar conta dessas variedades a partir de culturas individuais e coletivas para começar a compreender como uma teoria geral da significação poderia incluir essa imensa variedade de experienciar e sentir o mundo que, ao mesmo tempo, vislumbra-se e se teme.

Chamar para o campo da semiótica a cultura é colocar frente a frente o Eu e o Outro, evidenciando os regimes de interação em uma época em que os estudos greimasianos detinham-se na imanência do percurso gerativo do sentido e na explicação da construção do sujeito em busca de um objeto, priorizando a dimensão pragmática do discurso. Desses textos pioneiros de 1993 sobre a importância da cultura, do Outro, para a construção de uma teoria geral da significação, destacam-se, para o estudo das formas de vida, o já citado texto “*Le beau geste*”, de Greimas, que, estabelecendo, a partir de Paul Ricoeur (1990), diferença entre moral e ética, analisa o “belo gesto” como uma nova forma de vida; e “*Formes de l’alterité et formes de vie*”, de Landowski (1993) em que o autor reflete sobre o outro e a constituição de formas de vida.

Partindo desses primeiros estudos sobre forma de vida que preveem a dimensão do Outro na construção da significação e de estudos mais recentes da semiótica que tentam sistematizar a presença do Outro na constituição do sujeito, acompanharemos em matérias de *O Cruzeiro* como as formas de vida do Outro tentam moldar o comportamento da mulher da década de 40 que, se sair da linha de conduta preestabelecida, pode sofrer sanções de várias ordens, passando mesmo a fazer parte de outro grupo social.

O objetivo é verificar as manifestações das formas de vida da mulher da década de 40 não apenas em uma perspectiva dos primeiros estudos dedicados ao assunto, presentes na revista *Recherches sémiotiques. Semiotic Inquiry*, que se vinculavam basicamente à pragmática da linguagem fundamentada em Wittgenstein (1975), mas também observá-las a partir de uma semiótica das culturas, proposta por Landowski (2002, 2005), nos textos *Presenças do outro* e *Les interactions risquées*, em que o autor reflete sobre as práticas sociais resultantes das relações entre sujeitos em determinadas situações, configurando formas de vida responsáveis pelas organizações simbólicas coletivas.

## **Assuntos femininos**

A mulher é uma presença constante nas edições de *O Cruzeiro*, e a ela é dedicada, semanalmente, na década de 40, a seção denominada “Assuntos femininos”, que apresenta três matérias, “Da mulher para a mulher”, “Elegância

e beleza”, “Lar, doce lar”. A primeira matéria dita normas de conduta à mulher em relação a como ser uma moça distinta e esposa digna; a segunda é dedicada a ensinar o que a mulher deve fazer para ter uma forma de presença elegante e bela; e a última, recheada de deliciosas receitas e de conselhos práticos que auxiliam as tarefas domésticas, prepara-a para ser uma mulher atenta à saúde de sua prole, mãe carinhosa e preocupada com a educação dos filhos, enfim exímia dona de casa, não deixando que ela se esqueça de que é também pelo estômago que ela prende o homem amado. Recortando esse extenso *corpus* das páginas de *O Cruzeiro*, no momento, vamos nos restringir apenas à análise da matéria “Da mulher para a mulher”, buscando reconstituir cenas enunciativas que identificam práticas comportamentais amorosas da mulher brasileira da década de 40, relatadas pela articulista Maria Teresa, ou confidenciadas pelas consulentes.

Dirigida às senhoras, principalmente às esposas e às moças casadoiras, a matéria “Da mulher para a mulher” é composta por um texto assinado por Maria Teresa e por cartas de leitoras, cuja temática se refere aos problemas amorosos enfrentados por elas no seu dia a dia. A leitura desses textos revela as posturas da articulista frente ao comportamento da mulher em suas relações amorosas, as manipulações que ela utiliza para convencer o público feminino a se pautar pela moral vigente e os questionamentos que atormentam as consulentes que enviam cartas em que perguntam como ser boa esposa e perfeita parceira amorosa. Por meio dessa interação articulista-conselheira/consulente, delineiam-se regimes de interação que configuram formas de vida da mulher da década de 40.

A matéria semanal “Da mulher para a mulher” é disposta sempre em uma única página que contém, em geral, no centro, um texto assinado por Maria Teresa, cuja temática é dirigida ao enunciatário mulher. Ao seu redor, uma série de cartas enviadas por mulheres, que se apresentam editadas em no máximo duas linhas, são respondidas pela articulista-conselheira.

Assunto constante é a conduta feminina frente ao par amoroso. A partir de relatos de experiências amorosas das consulentes, em geral mal sucedidas, a articulista, fundamentada na sua vivência e experiência, vai tecendo programas narrativos para as moças casadoiras que devem executá-los para entrar em conjunção com seu par amoroso por meio do sólido contrato estabelecido pela união eterna, homologada pela instituição legal do casamento. Para a mulher casada, já em conjunção com o marido, explicita como ela deve manter esta união até que a morte os separe. Como toda programação não é perfeita, e o sujeitos não são só pragmáticos, mas cognitivos e, principalmente, patêmicos, o encontro amoroso não se sujeita a um único modelo, pelo contrário, acontece em uma interação de risco a partir da qual se depreende uma forma de vida.

## **A programação perfeita para a união eterna**

Na edição de 31/12/1949, no texto intitulado “Noivado feliz”, Maria Teresa comenta, com surpresa, a carta de uma consulente que se autodenomina “noiva feliz”. A moça não lhe pede conselho, como é de praxe, ao contrário, quer compartilhar com ela a sua venturosa felicidade:

Não é um conselho que lhe peço, como verá. Venho à sua presença simplesmente porque meu noivo e eu escolhemos a senhora para confidente da felicidade que nos inunda o coração e que, por ser tão grande, precisamos partilhar com alguém. (MARIA TERESA, 1949b, p.100).

A sua felicidade, afirma a moça, é decorrente de uma série de “leis” que ela e seu noivo praticam a fim de que seu relacionamento amoroso seja pleno de sucesso. O êxito do contrato estabelecido entre eles é tão grande que ela autoriza a articulista a publicar sua carta que revela o segredo dos mandamentos de uma união perfeita que são:

Da confiança – Confiar cegamente na pessoa amada, jamais suspeitando da sua afeição. Para a mais fácil obediência a essa lei, considerar sempre e em primeiro lugar o lado bom dos atos ou das palavras suscetíveis de dupla interpretação.

Da opinião – Respeitar a opinião recíproca, embora discorde dela. Neste caso, confessar com sinceridade por que não a aprova.

Da solicitude – Ter a preocupação constante de agradar o noivo (a) não descuidando de pequenas atenções, delicadezas e carinhos, tendo sempre em mente que, no amor, tudo tem importância.

Dos erros – Fugir às ocasiões de errar. Uma vez errando, confessar a falta sem jamais ocultá-la.

Da afeição – Fazer da pessoa amada a parcela indispensável da vida, contando-lhe suas alegrias e tristezas. Só o amor puro constrói, eleva a alma e enleva a vida. (MARIA TERESA, 1949b, p.100).

Não há risco de não se encontrar a felicidade amorosa eterna que culmina com o casamento se todos os noivos se predispuserem a seguir essas fórmulas euforizadas pela consulente. A felicidade da união, conclui a articulista, só será abalada pela força maior da morte: “Estou certa [sic] que, a esta altura, minha ‘Noiva Feliz’ não precisa que lhe declare outra coisa senão meus votos sinceros de que ela e o noivo continuem assim venturosos ‘até que a morte os separe’.” (MARIA TERESA, 1949b, p.100).

O texto da articulista, que incorpora a experiência relatada pela consulente, configura um regime de interação regido pela regularidade em que o sujeito desempenha o papel temático de moça casadoira que recita com precisão uma

lição que se fundamenta no código social da década de 40: a união amorosa, sacramentada pelo casamento, deve ser eterna. Tal concepção do casamento como uma união perfeita e eterna, euforizada pela articulista e pela noiva feliz, revela procedimentos amorosos próprios do regime de interação denominado por Landowski (2005, p.72)<sup>3</sup> programação. Seguindo à risca tais procedimentos, o sujeito moça é levado a um estado de não sujeito porque somente obedece e cumpre, com precisão, sua função de parceira amorosa. Segundo Landowski (2005, p.40), a interação é programática quando “[...] para chegar aos seus fins, é suficiente a um ator apoiar-se sobre certas determinações preexistentes, estáveis e conhecidas, do comportamento de um outro.”

As “leis” estabelecidas pela consulente para se ter uma união feliz e indissolúvel estabelecem comportamentos programados que se fundam, segundo a classificação proposta por Landowski (2005), na segurança.

### **Serve-lhe a carapuça?**

Outro texto interessante de “Da mulher para a mulher”, que figurativiza as relações amorosas da mulher da década de 40, é a narrativa que tem por título a interrogação “Serve-lhe a carapuça?” (MARIA TERESA, 1948a). Nele, a articulista conta a história de Leda que é “[...] uma bonita jovem de cabelos negros e pele morena e tem porte de rainha”, mas que, apesar de ter vários admiradores, “[...] a corte é por demais efêmera e, com a facilidade com que eles vêm, eles se vão, deixando à minha amiguinha mais uma desilusão entre as muitas que já tem sofrido” (MARIA TERESA, 1948a, p.68). A partir do relato das desventuras da infeliz Leda, a articulista lhe dá vários conselhos de como se comportar para prender para sempre o seu pretendente:

Quando um rapaz telefona para uma pequena convidando-a para ir ao cinema, ela não lhe deve dar a perceber toda a extensão da sua alegria, dizendo-lhe que se sente imensamente feliz, que era isso o que mais desejava. Seria pecar por excesso. Se não lhe der a notar, entretanto, que ficou satisfeita, estará caindo no outro extremo. O ecletismo nunca prejudicará ninguém.

A moça não se deve mostrar, por outro lado, muito vaidosa, preferindo frequentar sempre os lugares mais dispendiosos; pelo menos antes de saber se a bolsa do rapaz permite-lhes o acesso até lá.

A indiscrição revela também falta de linha. Não se ponha a moça a indagar com demasiada curiosidade sobre a vida passada do rapaz, suas conquistas e, principalmente, não cumule de defeitos as namoradas

---

<sup>3</sup> Os trechos citados, extraídos dessa publicação, são traduções nossas.

que tenha tido. Isso fará com que ele a ponha à margem, achando sua companhia pouco agradável.

Não conceda ela liberdades ao rapaz para não perdê-lo; estará cometendo o grave erro de fazer com que se farte muito depressa e vá procurar outra presa menos fácil. (MARIA TERESA, 1948a, p.68).

A prescrição dessas regras, solidificadas na práxis social, visa a mudar a competência modal do sujeito Leda e de todas as leitoras que não sabem se comportar para obter sucesso na relação amorosa: “Há ainda uma série de circunstâncias que afastam um rapaz de uma moça. Mas os principais motivos que fazem com que minha amiguinha Leda perca os namorados são esses. Será que lhe serve a carapuça, leitora?” (MARIA TERESA, 1948a, p.68).

A articulista manipula as moças para que não cedam às vontades do seu querer com a interrogação “Serve-lhe a carapuça?”. O princípio que funda esse regime de interação, denominado por Landowski (2005, p.72) manipulação, é a intencionalidade que instaura a interrogação, gerando o risco limitado, porque depende das reações do sujeito moça, do seu querer. Landowski (2005) esclarece a diferença entre o regime de programação e o de manipulação, exemplificando com a interação do médico com o paciente:

Ele pode primeiramente considerar seu paciente como simples organismo doente – o corpo-objeto que ele ausculta se houver motivo – e programar sua cura circunscrevendo-se aos efeitos fisiológicos previsíveis, por isso mesmo são experimentalmente estabelecidos, medicamentos apropriados. Mas o mesmo médico pode também se dirigir ao doente como corpo-sujeito – a pessoa que vem consultá-lo desejaria talvez também o mesmo tratamento – e visar à cura do mesmo mal, evidentemente olhado de outro ângulo, por uma estratégia de persuasão considerando de perto ou de longe a psicoterapia. (LANDOWSKI, 2005, p.28).

Se no regime programação, a moça, assim como o paciente do exemplo de Landowski, é um corpo-objeto que executa exatamente um regime programado para ela, o que lhe imprime um estado de não sujeito, no regime de manipulação, os dois atores, moça e paciente, são corpos-sujeito que têm um querer que precisa ser alterado.

## **Freando a aventura**

Na edição de 03/12/1949 de *O Cruzeiro*, à página 124, o tema tratado por Maria Teresa é sintetizado no título do texto “Castidade”.

O texto organiza-se em três parágrafos. No primeiro, há a citação do desabafo de uma moça, “Depois do que se passou, será que ele ainda gosta de mim?”. (MARIA TERESA, 1949a, p.124). Do pequeno enunciado, instaurado por uma debreagem de segundo grau, depreendem-se dois atores, um eu que questiona, no momento presente, sua ação do passado e um ele, objeto da paixão no presente e no passado. A ação “que se passou” entre o casal, embora não denominada, pode ser reconstituída pelo medo da perda do amado, expresso na dúvida da mulher e no título do texto “Castidade”. O questionamento do ator mulher, no presente, sobre sua ação, adquire uma dimensão coletiva, quando o enunciador ressalta que é comum entre as mulheres que se encontram nesta situação a reflexão após a ação.

O enunciador, experimentando uma sensação de ceticismo, constrói-se como um sujeito do saber que, também modalizado pelo sentir, recrimina, condena o comportamento desses sujeitos, respondendo negativamente à questão formulada pelo ator mulher:

Quando recebo essas cartas, não posso deixar de experimentar uma sensação de ceticismo. Conheço-lhes já o conteúdo e a essência, mesmo às primeiras linhas, e o meu pesar se agrava ante a absoluta falta de elementos para remediar uma situação praticamente desesperadora. Minha resposta quase sempre é negativa. (MARIA TERESA, 1949a, p.124).

Figurativizando a ação cometida pelo ator moça como um erro sem remédio, o enunciador apaixonado julga o comportamento das moças que tem consequências lastimáveis: “Depois de cometido o erro, portanto, a que infelizmente se entregaram certas moças insensatas com a maior facilidade, nada há a fazer para remediá-lo.” (MARIA TERESA, 1949a, p.124).

Diante de uma situação sem volta, o enunciador aconselha a moça a reagir e dar um novo rumo à vida: “Há que dá-lo por consumado e não se deixar vencer pelas suas consequências lastimáveis. Em vez disso, faz-se necessário reagir, ter espírito forte para construir uma vida futura melhor, baseada na experiência do passado.” (MARIA TERESA, 1949a, p.124).

No segundo parágrafo, contrapondo-se ao desabafo da mulher, o enunciador dá voz ao ator homem, denominado “sexo forte”, com uma debreagem de segundo grau. A citação da carta, recebida por Maria Teresa, apresenta o ponto de vista masculino que questiona tal comportamento feminino no enunciado: “Será que depois disto ela ainda merece minha confiança?”. (MARIA TERESA, 1949a, p.124). Com tal dúvida, o homem, que vê na ação da mulher a quebra de um comportamento imposto pela sociedade e que regra as relações amorosas,

projeta outras situações em que ela pode novamente passar por cima do dever e deixar-se levar pelo querer.

Como observa o enunciador, são perguntas do mesmo teor, construídas, porém, de modo diferente: a moça não mais casta que tem medo de não ser mais amada é modalizada pelo sentir; o “sexo forte”, que tem medo de não poder confiar mais na mulher, é modalizado pela razão.

Arvorando-se como conhecedor da alma humana, o enunciador conclui que quem perde nessa situação é a mulher: “Ora, estudando um e outro caso, é fácil chegar-se à conclusão de que a única prejudicada no erro comum foi a mulher. Estas coisas são rudes de dizer.” (MARIA TERESA, 1949a, p. 124).

Finalizando o segundo parágrafo, o enunciador, sujeito que sabe, assume o papel temático de conselheira que, tratando o assunto em pauta com ceticismo e realismo, não deixará suas consulentes caírem no “erro” e serem conduzidas para o “abismo”: “É possível, porém, que alguma moça que me leia e que esteja na iminência de cair sinta um abalo com as minhas palavras e abra os olhos ante o abismo. E já terá valido que não me tenha servido aqui do ‘manto diáfano da fantasia’...”. (MARIA TERESA, 1949a, p.124).

É somente pela voz autorizada do sacerdote, evocada pela conselheira, que, no último parágrafo, a ação da mulher, o erro cometido, é lexematizado pela denominação castidade. O sacerdote, opondo-se ao saber científico de especialistas avançados sobre o assunto, referenda a posição da articulista sobre a perda da castidade que deve provocar na moça decente também a paixão da vergonha que aumenta à medida que o tempo passa. A mulher pecadora, além de ser condenada pelo homem, pela sociedade, tem também, segundo o Reverendo Motley, de prestar conta à sua consciência e a Deus:

O problema da castidade nunca será determinado por estudos estatísticos nem por pensadores adiantados como o Dr. Kinsey<sup>4</sup> e outros. Mas somente e sempre pela noção do direito e da decência, e pela bondade inata do ser humano. Talvez jamais seja levantado um questionário tão significativo como o de quantas mulheres não castas terão lastimado amargamente sua falta de castidade. Nada mais difícil para se conviver do que nossa própria consciência. A experiência prova que o senso da vergonha não diminui; pelo contrário, aumenta. Que espécie de pessoa sou eu? – é a pergunta que toda mulher deve responder a si mesma e a Deus. (MARIA TERESA, 1949a, p.124).

---

<sup>4</sup> Alfred Charles Kinsey foi um biólogo e sociólogo norte-americano que nasceu em Hoboken, em 1894, e morreu em Bloomington, em 1956. Usando estatísticas e dados obtidos por sondagens, ele traçou um quadro dos diferentes comportamentos sexuais nos EUA nos seus livros *O comportamento sexual do homem*, 1948 e *O comportamento sexual da mulher*, 1953. (GRANDE ..., 1998, p.3424).

No texto “Castidade”, Maria Teresa, tocando a sensibilidade da moça pecadora, interage com ela com habilidade e mostra como sua conduta amorosa foi errada, porque infringiu a lei dos homens e a lei de Deus. Ao apelar para a consciência da moça, indica uma nova maneira de ela se fazer presente no mundo: redimindo-se e tendo uma outra forma de vida. Com a recriminação dessa forma de vida errada, a conselheira visa a despertar na moça, e em todos enunciatários que enfrentam a mesma situação, o desejo de vivenciar um novo sentir, no dizer de Landowski (2005, p.72), a competência estética, que configura o regime do ajustamento em que o risco manifesto é a insegurança porque o sentido se encontra *in fieri*.

### **Acidente de percurso**

No artigo “Adaptação”, Maria Teresa (1948b) relata, diferentemente dos outros textos, a história de uma consulente que já concluiu o programa narrativo da moça casadoira e deveria se encontrar, portanto, em conjunção eterna com o esposo. Mas quinze anos já se passaram, e a eufórica união eterna transformase em desilusão, a vida, em caos, assumindo a esposa perfeita o papel patêmico de mulher lamentadora. Essa rotina da insatisfação é abalada pela presença de outro herói e, tomada pelo deslumbramento dessa nova experiência, a esposa insatisfeita em crise recorre aos conselhos da articulista:

Novamente a fantasia, provocada pelo entusiasmo e pela esperança, começa a desvirtuar as coisas, dando-lhes um aspecto superior ao que possuem na realidade. É quase sempre nesta fase perigosa que minhas leitoras enquadradas no caso, lembram-se de mim e me fazem consultas. (MARIA TERESA, 1948b, p.92).

A fuga da realidade da consulente é qualificada pela articulista de “fase perigosa”. O termo fase prenuncia que esse momento de êxtase, de ruptura do cotidiano, vai passar e, depois de algum tempo, como já aconteceu uma vez com a consulente, quando encontrou o primeiro parceiro, tudo vai voltar ao normal, e o segundo herói, como o primeiro, conduzi-la-á ao ramerrame do dia a dia:

A julgar pela maneira por que se expôs a situação no começo desta crônica, deduz-se facilmente que não é muito encorajadora a aceitação de um novo romance. Em resumo, todos os homens são iguais: têm seus defeitos e suas qualidades. (MARIA TERESA, 1948b, p.92).

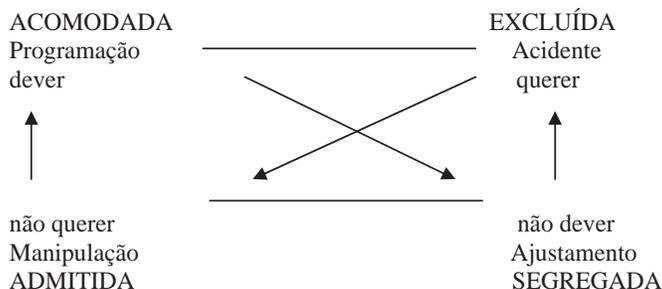
Igualando todos os relacionamentos amorosos, a articulista aconselha a consulente a sair dessa zona de risco, a não consumir tal aventura:

Aqui reside um ponto capital – uma impressão fundamentada num terreno igualmente hipotético ao anterior em que foi realizada a primeira experiência. Tudo, em suma, é uma questão de boa vontade e adaptação. E é razoável que a mulher envie todos os esforços para se adaptar ao homem com quem se casou do que a um quase estranho com quem iria iniciar uma perigosa aventura. (MARIA TERESA, 1948b, p.92).

Configura-se, nessa situação, um sujeito, perturbado, atônito, extasiado e desamparado que não sabe como agir frente a uma experiência nova que desprograma todo o seu saber sobre a instituição casamento, que deixa de ser, conforme o código que lhe ensinaram, uma união perfeita e eterna. Ela passa a conhecer a possibilidade de outras uniões que não precisam fundar-se na estabilidade e que a articulista denomina “perigosa aventura”. Sugerindo que a mulher se adapte ao marido, a articulista tenta fazer com que ela se re programe e saia do regime que Landowski (2005, p.75) denomina acidente, que se funda no risco e instaura o papel temático catastrófico em que o sujeito é movido pela insensatez.

### Regimes de interação e forma de vida da mulher da década de 40

Os regimes de interação, propostos por Landowski, a programação, a manipulação, o ajustamento e o acidente, repousam cada um sobre uma “lógica” específica, um tipo de estilo do sentido, conforme Fontanille (2005), respectivamente, a regularidade, a intencionalidade, a sensibilidade e o risco. Transportados para o campo do relacionamento amoroso em que vigora a sobredeterminação das modalidades do /dever/ e /querer/, que pautam a conduta feminina frente ao par amoroso, configuram, a nosso ver, os modos possíveis de formas de vida da mulher da década de 40:



**Quadro 2**– Regimes de interação e formas de vida

No texto “Noivado feliz”, a noiva feliz, modalizada pelo /dever/ imposto pela sociedade, recita a lição programada e desempenha o papel de acomodada; a mulher casada e desiludida com o ex-herói marido do texto “Adaptação”, confusa, assume o papel catastrófico e, se partir para uma aventura extraconjugal, movida pelo querer, pode ser excluída do grupo das senhoras bem casadas. A moça do texto “Serve-lhe a carapuça?”, apesar de ter vários parceiros, mas nenhum relacionamento amoroso que a levasse ao casamento, movida pelo querer age em situações amorosas com condutas avançadas para sua época e é reprovada pela articulista que a manipula para que seja moderada e se modalize pelo /não querer/. Se assim se comportar, a sua conduta será admitida e ela poderá segurar seu eleito. Frente ao caso relatado no texto “Castidade”, a conselheira, investindo-se de autoridade que tem o dever de modelar as moças casadoiras pelo código sadio da moral, estimula-as a não se pautar pelo /não dever/ e, caracterizando suas atitudes como levianas, enquadra-as em uma forma de vida segregada.

Nos textos de “Da mulher para a mulher”, a conselheira euforiza a forma de vida da mulher da década de 40 que se configura como uma mulher acomodada que deve ser comedida na demonstração de seus afetos, deve sentir amor e não paixão, não permitir liberdades antes do casamento, deve saber escolher o parceiro e deve, principalmente, prestar conta de seus atos à sociedade, aos seus pais, ao seu noivo ou marido, à religião, à sua consciência. Enfim, frear suas emoções e usar a razão. Aceita a mulher admitida que é aquela que teve atitudes não recomendadas, mas que, sabendo-se e se sentindo segregada, agora se deve pautar pelas normas da mulher acomodada. Mas, ao euforizar a forma de vida acomodada e ao aceitar a forma de vida admitida e disforizar as formas de vida das segregadas e das excluídas que devem ser refreadas, a articulista mostra que há outras formas de vida possíveis, mas que não encontram guarida na seção “Da mulher para a mulher” da revista *O Cruzeiro* da década de 40. Os simulacros exemplares, construídos nesses textos, em que devem se espelhar o enunciário mulher, leitora de *O Cruzeiro*, são o da moça casadoira casta e o da dona de casa digna e distinta, que seguem as formas de vida ditadas por uma classe média emergente fruto da segunda guerra mundial.

## **O legal e o bom**

Greimas (1993), conceituando o belo gesto como um comportamento que rompe com as práticas sociais, reconhece no artigo que tem o mesmo nome da expressão definida, “*Le beau geste*”, uma moral social e uma moral de tipo pessoal. Para explicar esses dois tipos de moral, invoca a distinção proposta por Paul Ricoeur (1990), entre ética e moral:

A moral repousa sobre normas, uma rede de coerções, e até mesmo uma deontologia; a ética funda, pelo contrário, um projeto de vida, e mesmo uma teleologia. Ora o “belo gesto” não pode ser normatizado, a não ser que se torne um comportamento convencional e passe a pertencer a uma moral social; na medida em que ele funda uma moral pessoal, ele não poderia pertencer a outro domínio que não fosse a ética, no sentido de Paul Ricoeur. De fato, é a oposição entre a “apreensão” e a “visada” que melhor dá conta desta distinção: a apreensão, retrospectiva, cognitiva e valorativa, é o princípio do julgamento moral; a visada, prospectiva, sensível e inventiva, é a do “belo gesto” e da ética pessoal. (GREIMAS, 1993, p.28).

A ética pessoal, segundo Greimas (1993), nega a moral social, e esta negação é a etapa necessária para poder, em seguida, afirmar outros valores e é:

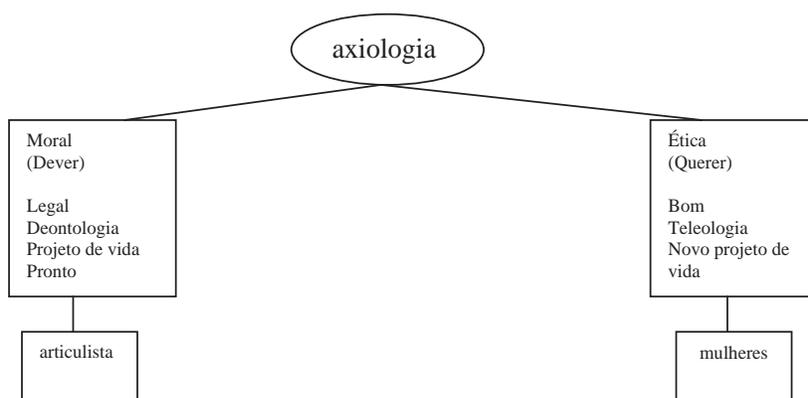
[...] então o meio de uma abertura do mundo dos valores, de um “impulso novo” do devir axiológico: é a porta aberta para a estranheza e a alteridade. Colocando-se contra as formas socializadas do dever (necessidade, norma, regra, código), o “belo gesto” anula de fato o efeito de “estabilidade”, o efeito de fixidez próprio desta modalidade; “abrindo-se” para o devir, o sujeito coloca-se ao inverso como sujeito de um possível querer, sujeito autônomo e autodestinado. (GREIMAS, 1993, p.29).

Para Greimas(1993) , apoiado em Ricoeur (1990), a moral é modalizada pelo dever e funda uma axiologia deontica, enquanto a ética se modaliza pelo querer e rompe com a tradição e instaura a teleologia. Negando valores estabelecidos pela sociedade, a ética instala a instabilidade que pode gerar outras formas de ver e sentir o mundo, outras formas de vida, segundo Greimas (1993). Ao lado da ótica do mundo do legal, do social e deontico, pode-se vislumbrar um outro mundo, onde prevalece o bom, o inato, o ontico.

O enunciador dos artigos da revista *O Cruzeiro* tenta persuadir as enunciatárias mulheres a seguirem a moral vigente da década de 40, que, nas palavras de Landowski (2005), devem ter um comportamento programado. As moças que não seguem os conselhos da noiva feliz devem ser condenadas, clama reiterativamente a conselheira-articulista que pede a aplicação da moral social. Rompendo o contrato com a sociedade, tais mulheres, modalizadas pelo querer, passam por cima da razão e do dever prescrito pela sociedade e, agindo levadas pela emoção e pela paixão, “erram”. Ao comportamento deontico programado para as mulheres sobredetermina naturalmente o desejo ontico: é da ordem do humano amar. Tal comportamento corrente causa estranhamento na articulista-conselheira que quer preservar as regras do mundo que conhece.

Entre o enunciador e as atitudes das mulheres, estabelece-se o conflito do velho e do novo, do social e do individual, da moral e da ética, abalando o sistema

de valores, a axiologia. O abalo da relação mulheres/articulista/sociedade gera uma nova visão sobre as relações amorosas e impõe novas formas de vida. Novas formas de vida em que o relacionamento amoroso não é regido por um único código fixo e acabado, em que projetos de vida não estão prontos conforme a lei dos homens e de Deus, mas outros em que o percurso ainda está por ser traçado conforme aquilo que é julgado como bom para cada uma delas. O quadro abaixo sintetiza a oposição entre o comportamento retrospectivo, cognitivo e valorativo da articulista e a visão prospectiva, sensível e inventiva das mulheres excluídas, admitidas e segregadas:



**Quadro 3** – Moral e ética

Essa diferença estabelecida por Greimas (1993), fundamentada em Paul Ricoeur (1990), entre moral e ética possibilita, parece-nos, compreender as duas constelações propostas por Landowski (2005) que enfeixam os regimes de interação: a da prudência e a da aventura. Na constelação da prudência, temos os regimes de interação por programação, cujo regime de risco é a segurança; e o regime de interação por manipulação, cujo regime de risco é o do risco limitado. Na constelação da aventura, agrupam-se os regimes de interação por acidente, em que o regime de risco é o risco puro; e o por ajustamento, em que o regime de risco é a insegurança.

Segurança e risco limitado geram as formas de vida, acomodada e admitida, assim como insegurança e risco puro, determinam formas de vida, segregada e excluída.

O que as moças não acomodadas tentam é esboçar um novo programa narrativo para encontrar um final feliz para sua relação amorosa e não seguir a moral vigente, mas elaborar uma nova prática social, fundada na ética do querer, que permita a elas fazerem suas escolhas de como gerir suas relações amorosas.

À ética pertence tudo o que é imprescindível para a felicidade e para a dignidade do próprio indivíduo e dos outros. Esse novo comportamento das moças da década de 40 instaura uma nova forma de vida de busca da felicidade que gera o conflito entre moral e ética.

## **Ética e libertação amorosa**

Os novos códigos propostos pelas mulheres que geram novas formas de vida, que abalam a articulista, abalam também o espectador que se vê diante do elemento surpresa e tomado pela emoção. É a percepção de algo novo, de um novo sentir, a estesia que, segundo Greimas (1993), provoca no enunciatário-espectador o fazer interpretativo:

De uma certa maneira, se o ético é da parte do autor do “belo gesto”, a estética é da parte do observador-intérprete: vigorosamente solicitado pela ruptura da troca, este é submetido à surpresa, à admiração, senão ao assombro. A própria emoção estética é, supõe-se, o elemento desencadeador do fazer interpretativo, o que significa dizer que a estetização das condutas é o meio pelo qual se torna sensível o momento em que os novos valores são inventados. (GREIMAS, 1993, p.30).

Os textos da matéria “Da mulher para a mulher” ilustram uma possível libertação da mulher do imposto pela sociedade. Tal rompimento leva o espectador a interpretar esta lição de ética porque rompe com um saber pré-estabelecido. Para Greimas (1993), o “belo gesto”, que se caracteriza como o diferente, o elemento estranho que, como a “má conduta” das mulheres, abala a norma estabelecida, instaura um espetáculo intersubjetivo porque o espectador tem a liberdade de reler, à sua maneira, a significação da sequência:

A moral pessoal que parece então emergir pressupõe que a práxis enunciativa de tipo individual seja distribuída sintaxicamente entre os parceiros da enunciação: o enunciador-emissor em cena dá a ver a ruptura, a suspensão do uso estabelecido, a negação dos valores e a abertura do devir axiológico, e o enunciatário-espectador, solicitado pela abertura máxima das possibilidades, é prudente em escolher, a título de novo uso, qualquer uma das possibilidades ofertadas. A irrupção do inesperado, a escolha da elipse, do silêncio, do contratempo ou do “contrapé” tem então o efeito de “deixar a pensar”: a invenção dos valores é cooperativa, o espectador é solicitado a participar desta criação como “co-enunciador” do futuro universo de valores. (GREIMAS, 1993, p.29).

O “belo gesto”, citando Greimas (1993, p.31), é um acontecimento considerável que afeta a forma aspectual das condutas, seu fundamento axiológico e cria as condições para uma nova enunciação, de tipo individual, graças à desfocalização (e à refocalização), graças ao fechamento inopinado de segmentos discursivos e à abertura de novos segmentos e, enfim, graças à teatralização do cotidiano e à solicitação do espectador. Um dos exemplos utilizados por Greimas para ilustrar o “belo gesto” e a interpretação que ele provoca no enunciatário-espectador é a cena enunciativa da mulher adúltera. Afirma Greimas (1993):

Assim Jesus, interpelando todos os que queriam apedrejar a mulher adúltera, exige que somente sejam autorizados a tomar tal atitude os que jamais pecaram: ele ressemantiza uma conduta moral estereotipada, atribuindo-lhe como fundamento semântico a categoria puro/impuro; mas, ao mesmo tempo, ele obriga certamente cada um operar um julgamento reflexivo que é o começo de uma moral pessoal. (GREIMAS, 1993, p.31).

No nosso *corpus*, no nível do enunciado é a articulista-conselheira que freia a ressemantização da moral estereotipada, fundamentando-se também na categoria puro/impuro. Mas, se lembrarmos que o texto faz parte da revista *O Cruzeiro*, é ela que é o sujeito da enunciação que não assume a nova ética, pelo contrário, ela representa e referenda a moral de uma classe média emergente que passou a ter melhor poder aquisitivo. Embora essa classe média da década de 40 reconheça essa nova prática no relacionamento amoroso e institua a prática de perdoar a mulheres que “erram”, elas são identificadas como pertencentes a um novo grupo social, o das que se opuseram ao /dever/ e ousaram impor um /querer/ para poderem ter liberdade de como agir frente às práticas amorosas. Como as programações não são perfeitas, e o sujeitos mulheres não são só pragmáticos, mas também cognitivos e, principalmente, patêmicos, e a relação amorosa, um acontecimento, não é fácil seguir à risca o que determina a sociedade. O que os textos de *O Cruzeiro* confirmam é que em toda interação há margem de risco, lugar limite da existência, em que o querer do sujeito força o desbordamento das práticas institucionalizadas pelo convívio social e que, algumas mulheres, deixando de lado o regime da programação, indicativo de prudência, constituem-se em um novo sujeito que, esquecendo-se dos deveres, parte para a aventura buscando ser competente para assumir uma nova forma de vida.

Só com o passar do tempo será possível saber se o grupo das segregadas da década de 40 tornar-se-á maioria, e o das acomodadas, minoria, e/ou se as outras formas de vida, como a das excluídas ou das admitidas, daquela época, poderão ser euforizadas nas práticas sociais de outros tempos e ganharem proeminência em revistas do porte de *O Cruzeiro*.

NASCIMENTO, E. M. F. S. Caution and adventure: *O Cruzeiro* magazine and the woman in the forties. *Alfa*. São Paulo, v.53, n.2, p.619-637, 2009.

- **ABSTRACT:** “*O Cruzeiro*” magazine was first published on November 10<sup>th</sup>, 1928, a period in which there was about 50 million inhabitants in Brazil. Magazines as “*O Cruzeiro*” are in a way part of the country’s history and the linguistic analysis of its different texts allows for the reconstruction the 20<sup>th</sup> century ways of life. Taking the Greimasian semiotics as the theoretical framework together with the Landowski’s ways of interaction, the paper focuses on the study of the “Female Matters” section of the magazine during the forties. That weekly section deals with the subject “From women to women”, where the magazine writer Maria Teresa, under the thematic role of adviser, either writes chronicles or answers the letters of readers asking for advice. By analyzing the texts, this study describes ways of love interaction that we claim to represent women’s way of life. The corpus analysis reveals that the woman in the forties, modalized by duty, sometimes repeats values imposed by a ready-made life project, and, modalized by wish, sometimes tries to impose a new ethic that represents a new way of life.
- **KEYWORDS:** Semiotic. Ways of interaction. Ways of life. Women. *O Cruzeiro* magazine.

## REFERÊNCIAS

GRANDE enciclopédia Larousse cultural. São Paulo: Nova Cultural, 1998.

GREIMAS, A. Sobre as paixões: notas manuscritas de A. J. Greimas. In: LANDOWSKI, E.; OLIVEIRA, A. C. M. A. (Org.). *Do inteligível ao sensível: em torno da obra de A. J. Greimas*. São Paulo: Educ, 1995. p.129-152.

\_\_\_\_\_. Le beau geste. *Recherches sémiotiques. Semiotic Inquiry*, Montreal, n.13, p.21-35, 1993.

\_\_\_\_\_. *De l'imperfection*. Paris: Périgueux-Fanlac, 1987.

FONTANILLE, J. Avant-propos. *Nouveaux actes sémiotiques*, Limoges, n.101, p.1-5, 2005

\_\_\_\_\_. Présentation. *Recherches sémiotiques. Semiotic Inquiry*, Montreal, n.13, p.5-20, 1993.

FONTANILLE, J.; ZILBERBERG, C. *Tensão e significação*. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luís Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Discurso Editorial, 2001.

LANDOWSKI, E. Les interactions risquées. *Nouveaux actes sémiotiques*, Limoges, n.101, p.7-107, 2005.

\_\_\_\_\_. *Presenças do outro: ensaios de sociosemiótica*. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva, 2002.

\_\_\_\_\_. Formes de l'alterité et formes de vie. *Recherches sémiotiques*. Semiotic Inquiry, Montreal, n.13, p.69-94, 1993.

MARIA TERESA. Castidade. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, p.124, 3 dez. 1949a

\_\_\_\_\_. Noivado feliz. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, p.100, 31 dez. 1949b.

\_\_\_\_\_. Serve-lhe a carapuça? *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, p. 68, 24 dez. 1948a.

\_\_\_\_\_. Adaptação. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, p. 92, 25 set. 1948b.

RICOEUR, P. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1975. (Os pensadores).

Recebido em março de 2009.

Aprovado em maio de 2009.

